

DM

# A Relação Entre a Qualidade das Relações Fraternalis e as Práticas Agressivas Entre Pares

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Carlota Maria Faria Crawford**

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

setembro | 2019

# **A Relação Entre a Qualidade das Relações Fraternais e as Práticas Agressivas Entre Pares**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Carlota Maria Faria Crawford**

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

ORIENTAÇÃO

Maria da Glória Salazar D`êça Costa Franco  
Alda Patrícia Marques Portugal

*“No man is an island”*

John Donne

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, o meu maior e mais profundo agradecimento à Professora Doutora Maria Glória Franco. Por me transmitir uma vontade insaciável de descobrir, de querer saber mais, de fazer mais e melhor. Pela partilha inigualável de experiências e conhecimento, pelo rigor e pela excelência. O meu muito obrigada!

À Professora Doutora Alda Portugal por ter sempre uma palavra de apoio e incentivo, por me transmitir segurança e serenidade ao longo de todo este percurso. Pela sua proximidade e disponibilidade. Por me fazer gostar ainda mais do caminho que escolhi seguir.

Às escolas, aos pais e aos alunos pela forma como nos receberam e permitiram a realização deste estudo.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional que me deram. Por não me deixarem desistir, nunca. Se cheguei até aqui, a vocês o devo.

Aos colegas que se tornaram amigos ao longo deste percurso, por tudo o que representam na minha vida. Sandra e Joana pelo apoio incondicional, pelas gargalhadas, pela amizade, pela boa disposição. Catarina, Cláudia e Hugo, apesar de longe, guardo-vos sempre no coração. Obrigada por me ajudarem a ser eu própria, por me ajudarem a crescer, a transformar e a redescobrir-me.

Aos meus amigos, pelos bons momentos, pela dedicação, companheirismo e pelas imensas palavras de apoio.

Ao Tiago, por ser o meu porto seguro, por acreditar em mim, por ser o meu maior incentivo.

A todos, o meu sincero agradecimento!

## Resumo

A fratria apresenta-se como um subsistema familiar fundamental e como uma das conexões mais extensas e duradoras que se mantêm ao longo do ciclo de vida. Numa amostra de 153 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos ( $M=8.26$ ,  $DP=.801$ ) objetivou-se: a) Analisar a importância da ordem de nascimento, do sexo e da percepção de tratamento diferencial para as variáveis hostilidade e afetividade; b) Analisar a relação entre afetividade e hostilidade e o exercício de violência entre pares; c) Analisar de que forma a percepção de tratamento diferencial dos pais pode estar relacionada com a prática de violência na escola; e d) Analisar a importância de ser-se filho único ou ter-se irmãos para a prática de violência entre pares. Os instrumentos utilizados foram o *Sibling Relationship Questionnaire*, para avaliar a percepção de tratamento diferencial; o *Sibling Relationship Inventory* para avaliar a qualidade fratria e o Questionário sobre o *bullying* na escola (versão para 1º ciclo). Os resultados obtidos indicaram que os filhos que nascem em 1º lugar tendem a ser mais afetuosos do que os restantes. A afetividade é mais elevada para o sexo feminino do que para o masculino. Os irmãos que percecionam tratamento diferencial tendem a ter uma média mais elevada ao nível da hostilidade. A dimensão hostilidade encontra-se correlacionada com a prática de um tipo de agressão. Assim, concluiu-se que os conflitos entre irmãos e a percepção de tratamento diferencial poderão estar em alguns aspetos relacionados com a prática de comportamentos agressivos, tornando-se fundamental o desenvolvimento de ações e a sensibilização dos pais e dos profissionais para esta temática de modo a, conseqüentemente, promover o desenvolvimento de competências de gestão de conflitos na fratria.

*Palavras-chave:* relações na fratria; tratamento diferencial; *bullying*; relações com os pares.

### **Abstract**

The sibling relationship represents a fundamental family subsystem, as it is one of the longest connections throughout the life cycle. A sample of 153 children aged 7 to 10 years ( $M = 8.26$ ,  $SD = .801$ ) aimed to: a) Analyze the importance of birth order, gender and the perception of differential treatment for the variables hostility and affectivity; b) Analyze the relationship between affectivity and hostility and the exercise of peer violence; c) Analyze how the perception of differential treatment may be related to the practice of peer violence; and d) Analyze the importance of being an only child or having siblings for the practice of peer violence. The instruments used were the Sibling Relationship Questionnaire, to evaluate the perception of differential treatment; the Sibling Relationship Inventory to assess sibling relationship quality and the School Bullying Questionnaire (1st cycle version). The results obtained indicated that children born in 1st place tend to be more affectionate than the others. The affectivity is higher for females than for males. Siblings who perceive differential treatment tend to score higher in hostility. The hostility dimension is correlated with the practice of a type of aggression. Thus, it was concluded that the conflicts between siblings and the perception of differential treatment may be, in some aspects, related to the practice of aggression, making the development of actions and the awareness of parents and professionals about this theme essential, so as promote the development of conflict management skills in the brotherhood.

*Keywords:* sibling relationships; differential treatment; bullying; peer relationships

## Índice

Introdução.....	1
Enquadramento teórico.....	3
Sistema familiar e subsistema fraternal.....	4
Qualidade da relação fraternal.....	4
Diferenças individuais na relação fraternal.....	7
Fratrria e violência com os pares.....	10
O presente estudo.....	12
Estudo empírico .....	14
Método.....	15
Participantes.....	15
Instrumentos.....	15
Procedimentos de recolha de dados.....	19
Procedimentos de análise de dados.....	20
Resultados.....	21
Discussão.....	25
Considerações finais e implicações práticas.....	29
Limitações .....	30
Estudos futuros.....	31
Referências.....	33
Anexos.....	40

## Abreviaturas e Siglas

SRI – Sibling Relationship Inventory

SRQ – Sibling Relationship Questionnaire

INE - Instituto Nacional de Estatística

RAM- Região Autónoma da Madeira

## Índice de Tabelas

Tabela 1- <i>Análise de componentes principais do Sibling Relationship Inventory (SRI)</i> .....	17
Tabela 2- <i>Análise de componentes principais do Sibling Relationship Questionnaire (SRQ)</i> .....	18
Tabela 3- <i>Análise das diferenças significativas entre as ordens de nascimentos, ao nível da Afetividade</i> .....	21
Tabela 4- <i>Análise das diferenças significativas entre as ordens de nascimentos, ao nível da hostilidade</i> .....	22
Tabela 5- <i>Análise das diferenças entre o sexo feminino e masculino em relação à hostilidade e afetividade</i> .....	22
Tabela 6- <i>Análise da correlação entre as variáveis afetividade e hostilidade e os itens do questionário de bullying</i> .....	24

## Índice de Anexos

Anexo A- Email de confirmação da estrutura e autorização para utilizar o SRI.....	41
---	----

## Introdução

A família é uma das instituições sociais mais antigas e significativas para o desenvolvimento humano (Lopes, Fernandes & Relva, 2017). É neste contexto que a maioria de nós inicia as primeiras interações com o outro e as vivências que ocorrem no seio familiar, nomeadamente na relação com os pais e com os irmãos, influenciam os comportamentos dos indivíduos e modelam as suas relações sociais futuras (Lopes et al. 2017).

A maioria da investigação intrafamiliar existente tem incidido sobretudo nas relações pais-filhos, sendo poucas as investigações que exploram as relações de fratria (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011). Contudo, as relações fraternais apresentam-se como únicas e de extrema importância no desenvolvimento dos sujeitos (Carvalho, Relva & Fernandes, 2018), uma vez que a grande parte das crianças cresce com irmãos. Em Portugal, de acordo com os dados dos censos realizados em 2011 (INE, 2011) o número médio de filhos é de 1,51 por núcleo familiar. A grande maioria dos agregados familiares dizem respeito a casais com filhos (52.2%) e 19.3% casais sem filhos. Relativamente aos casais com filhos, 54,7% dos casais têm só um filho, 37,5% têm dois filhos e 7,8% têm três ou mais filhos. Assim sendo, existe uma grande percentagem (45,3 %) de crianças que crescem com irmãos.

As relações fraternais caracterizam-se por oscilações entre emoções e afetos positivos e negativos (Lopes et al. 2017). Assim sendo, Buhrmester e Furman, (1990) indicam que existem duas características importantes na compreensão da qualidade da relação fraternal: a afetividade e a hostilidade/conflito. A literatura indica-nos que tanto as dimensões positivas da relação (e.g., afetividade) como as negativas (e.g., hostilidade/conflito) acarretam consequências para o desenvolvimento das crianças. Assim sendo, a afetividade na relação fraternal parece estar relacionada, de um modo geral, com melhores competências sociais e relacionais (Kim et al. 2007; Pike, Coldwell & Dunn, 2005). Mais especificamente, com menos agressões entre pares, com menos problemas de externalização e internalização e relações mais saudáveis com os pares (Buist et al. 2013). Por outro lado, o conflito parece estar relacionado com problemas de externalização (e.g., problemas de comportamento, perturbação de oposição), resultados académicos mais baixos e autoestima mais baixa (Buist & Vermande, 2014; Duncan, 1999; Snyder, Bank & Burraston, 2005).

Posto isto, no enquadramento teórico do presente estudo aborda-se em primeiro lugar o conceito de família e explora-se as características do subsistema fraternal. De seguida, são abordadas e exploradas as qualidades da relação fraternal e a sua influência no desenvolvimento das crianças. Posteriormente é feita uma revisão das diferenças individuais entre irmãos que podem influenciar a qualidade da relação. Por fim, são abordados os temas da violência entre pares e a sua relação com as fratrias.

## **Enquadramento teórico**

---

## **Sistema familiar e subsistema fraternal**

A família representa um sistema organizado que se baseia em relações mais ou menos estáveis, que possui limites que simultaneamente o separam e ligam ao meio rodeante (Carvalho et al. 2018). O sistema familiar é composto por subsistemas organizados hierarquicamente, nomeadamente o subsistema parental, o conjugal, filial e o fraternal (Carvalho et al. 2018; Goldenberg & Goldenberg, 2013). O subsistema fraternal, quando existente, representa o primeiro grupo de pares das crianças, apresentando-se, assim, como um lugar de socialização no qual são desenvolvidos papéis que serão posteriormente utilizados em outros contextos da vida dos sujeitos (Goldenberg & Goldenberg, 2013). Ao participar neste subsistema, a criança desenvolve padrões de negociação e competências interpessoais, tais como, cooperação, competição e apoio mútuo (Carvalho et al. 2018; Goldenberg & Goldenberg, 2013). As competências interpessoais desenvolvidas no contexto desta relação influenciarão posteriormente as relações em contexto académico e profissional (Goldenberg & Goldenberg, 2013).

A fratria apresenta-se como um subsistema familiar fundamental, que se inicia com o nascimento do segundo filho. As relações fraternais apresentam-se de elevada relevância uma vez que são, habitualmente, uma das conexões mais extensas e duradoras que se mantêm ao longo do ciclo de vida, assim como comumente vistas como uma relação emocionalmente intensa, na qual podem coexistir níveis elevados de afetividade e conflito (Buist & Vermande, 2014; Goldenberg & Goldenberg, 2013; Lopes et al. 2017). Figuram-se, na maioria das vezes, como a primeira relação horizontal com pares caracterizada por interesses em comum, amizade íntima, confiança e proteção mútua. Todavia, como em qualquer relação familiar e próxima, as relações fraternais caracterizam-se por afetos que oscilam entre movimentos de aproximação e afastamento (Lopes et al. 2017). Estas relações são habitualmente caracterizadas pela oscilação entre emoções positivas, tais como a amizade, solidariedade e o apoio, e emoções negativas, que englobam o ciúme, a rivalidade, o conflito e a violência (Carvalho et al. 2018).

## **Qualidade da relação fraternal**

Como referido no anteriormente, as relações fraternais caracterizam-se pela oscilação entre afetos positivos e negativos. Posto isto, a literatura indica-nos dois

importantes indicadores da qualidade da relação fraternal que coexistem num contínuo, nomeadamente, a afetividade e o conflito/hostilidade (Buhrmester & Furman, 1990). A afetividade entre irmãos é comumente definida como o grau de proximidade, intimidade e companheirismo, estando mais associada aos aspetos relacionais positivos, isto é, que contribuem para o desenvolvimento ajustado e harmonioso do subsistema fraternal e dos seus elementos. Por outro lado, o conflito/hostilidade diz respeito ao nível de antagonismo, discussão e brigas existente entre irmãos (Buist & Vermande, 2014), associado a uma visão mais negativa da relação. A literatura indica que tanto a dimensão afetividade, como a dimensão conflito/hostilidade da fratria terão consequências negativas e positivas para o desenvolvimento do indivíduo.

Num estudo realizado com 1640 crianças com idade média de 11 anos, Buist e Vermande (2014) demonstraram que crianças com relações fraternais conflituosas reportaram significativamente mais problemas de externalização (e.g., agressão) e internalização (e.g., ansiedade e depressão), resultados académicos mais baixos e menor autoestima, quando comparados com crianças com relações fraternais harmoniosas. Por outro lado, crianças com relações fraternais afetuosas reportaram menos agressão com os pares e melhores níveis de competência social do que as crianças com relações fraternais conflituosas, concluindo-se que a afetividade entre irmãos parece influenciar positivamente o desenvolvimento das crianças. Este resultado é concordante com outros revelados pela literatura que sugere que a qualidade da relação pode estar associada a um ajustamento psicossocial positivo e saudável (Kim et al. 2007; Pike, et al. 2005). Mais especificamente, Kim e colaboradores (2007) demonstraram que qualidades da relação entre irmãos mais positivas tendem a estar associadas a maiores níveis de autorrelato de competência social com pares.

As relações fraternais parecem ser capazes de suportar conflitos sem que haja dissolução dos laços (Campione-Barr & Smetana, 2010). Devido ao historial de interações que são características destas relações, e ao próprio grau de parentesco, estas relações são tipicamente geradoras de conflito, sendo que os conflitos entre irmãos são até mais comuns do que os restantes conflitos familiares (Carvalho et al. 2018). Alguns dos conflitos podem acarretar consequências negativas para o desenvolvimento do sujeito, no entanto, o conflito pode também ser relevante para o desenvolvimento da criança, nomeadamente no que respeita ao desenvolvimento de competências relacionais e sociais (Carvalho et al. 2018).

De acordo com Relva, Fernandes e Alarcão (2012) a literatura revela ambiguidade na investigação no âmbito do conflito e hostilidade entre irmãos. As autoras referem que é possível observar esta ambiguidade quando analisamos a própria terminologia utilizada neste âmbito. As autoras referem que os termos abuso, violência, agressão, conflito, rivalidade e até *bullying*, são utilizados para descrever o mesmo tipo de comportamentos, gerando alguma dificuldade na delimitação do que é realmente violência.

Apesar de existir alguma inconsistência em relação ao conceito de conflito e de alguns autores até o considerarem normativo nas relações fraternais, outros sublinham o seu impacto negativo no desenvolvimento das crianças e jovens (Garcia et al. 2000). Por exemplo, um estudo de Lopes et al. (2017) indica que a tática de resolução de conflitos mais utilizada na relação entre irmãos é a negociação. Ora, a utilização desta tática como estratégia de resolução dos vários conflitos que surgem na relação fraternal, apresenta-se como uma oportunidade de treino das competências de gestão de conflitos, que poderão ser utilizadas nomeadamente com os pares no contexto escolar. Por outro lado, estudos indicam também que os irmãos vitimizados podem apresentar dificuldades académicas, problemas de comportamento e problemas emocionais com maior frequência do que os irmãos não-vitimizados (Duncan, 1999; Snyder, et al. 2005). Em adolescentes, a violência entre irmãos influencia a prática de atos violentos dirigidos aos pares (Noland et al. 2004; Rothman, Johnson, Azrael, Hall, & Weinberg, 2010). Relações de fratria conflituosas, especificamente ao longo da primeira infância, podem também predizer um aumento nos comportamentos de internalização e externalização. Num estudo levado a cabo por Stocker, Burwell e Briggs (2002), com uma amostra de crianças de primeiro ciclo, verificou-se que relativamente aos comportamentos de internalização, o conflito entre irmãos está positivamente relacionado com o humor depressivo, solidão e baixa autoestima. No polo dos comportamentos de externalização, a hostilidade nas relações entre irmãos de crianças com cinco anos, mostrou estar relacionada com os seus problemas de conduta (Stocker et al. 2002). A hostilidade e a agressão entre irmãos parecem ainda predizer comportamentos antissociais, abuso de substâncias, comportamento sexual desadequado e experiências traumáticas (Snyder et al. 2005).

No que diz respeito aos estudos de prevalência da violência entre irmãos, Hardy, Beers, Burgees e Taylor (2010), numa amostra de 506 alunos universitários verificaram que 76.6% dos participantes do sexo feminino e 77. 5% do sexo masculino relataram terem sido vítimas e perpetradores de pelo menos um ato de violência verbal ou física para com um irmão/irmã. Um estudo realizado por Khan e Cooke (2008), com uma

amostra de jovens sob a tutela do sistema criminal escocês, revelou que cerca de 90% dos sujeitos realizaram intencionalmente atos de violência física contra os seus irmãos. Em Portugal, concluiu-se que a violência entre irmãos é muito frequente no início da adolescência, sendo que cerca de 88% dos participantes referem ter perpetrado atos de violência psicológica em relação aos seus irmãos (Relva, Fernandes, Alarcão & Martins, 2014).

Posto isto, parece claro que tanto a afetividade como o conflito na relação fraternal acarretam consequências para o desenvolvimento dos sujeitos, sendo que, o conflito para estar mais relacionado com consequências negativas e a afetividade com consequências mais positivas.

### **Diferenças individuais na relação fraternal**

A qualidade da relação entre irmãos parece ser influenciada por variáveis da constelação fraternal, tais como a ordem de nascimento, o sexo e a diferença de idades entre os irmãos, entre outros (Furman & Buhrmester, 1985; Grusec & Hastings, 2006).

As evidências demonstram que a ordem de nascimento dos irmãos pode ter um efeito significativo nos padrões de interação entre os mesmos. Assim, especialmente no que se refere a crianças em idade escolar, os irmãos mais velhos parecem exercer mais controlo sobre as interações com os seus irmãos mais novos, devido às suas características físicas e à sofisticação cognitiva (Recchia, Rajput & Peccia, 2015). De acordo com Grusec e Hastings (2006), existem evidências de que a qualidade da relação entre dois irmãos durante os primeiros anos de vida é marcadamente mais influenciada pelo afeto, interesse e hostilidade demonstrados pelos irmãos mais velhos, do que dos mais novos. O estudo longitudinal de Dunn e Kendrick (1982) mostra que a reação do primeiro filho (i.e., o seu afeto, interesse e hostilidade) ao nascimento do segundo filho está relacionada, ao longo do tempo, com a qualidade dos comportamentos dos irmãos em relação um ao outro (Grusec & Hastings, 2006). Tal sugere que os irmãos mais velhos contribuem de forma mais significativa para a qualidade da relação. Contudo, a contribuição do segundo filho para a qualidade da relação aumenta durante aos anos de pré-escolar (Dunn, 1988). A literatura indica, também, que os irmãos mais novos tendem a valorizar mais o suporte que recebem dos seus irmãos mais velhos do que o contrário (Buhrmester, 1992).

Outra área de interesse no estudo das relações fraternas são os efeitos da diferença de idade entre irmãos. Grusec e Hastings (2006) referem que irmãos com maior diferença de idade (superior a dois anos), aparentemente, experienciavam relações mais competitivas e stressantes. De acordo com Minnett, Vandell e Santrock (1983) é expectável ser observado maior conflito e rivalidade em irmãos com diferenças de idade inferior a dois anos, uma vez que possuem habilidades e competências semelhantes, partilham mais interesses, como também é mais provável que tenham o mesmo grupo de pares. A ordem de nascimento e as diferenças de idade entre irmãos criam uma dinâmica de hierarquia na qual será provável que os irmãos mais velhos sirvam como modelos, conselheiros e cuidadores dos irmãos mais novos (Feinberg, et al. 2011). Um estudo de Furman e Buhrmester (1985) indica que as fratrias compostas por irmãos com idades próximas e de sexos diferentes apresentam mais conflito e menos afeto quando comparadas com fratrias com diferenças de idade mais acentuadas.

Outra variável que parece afetar as relações fraternas é o sexo dos irmãos. A literatura existente relativa à forma como a qualidade da relação entre irmãos está relacionada ao sexo varia de acordo com a idade e o estágio de desenvolvimento dos irmãos. Durante a primeira infância, a evidência acerca do sexo é inconsistente. As investigações indicam que durante a idade escolar a influência do sexo torna-se mais significativa, sendo que é menos provável que os rapazes descrevam sentimentos de intimidade e carinho nas suas relações fraternais. Alguns estudos demonstram que os irmãos do mesmo sexo apresentam melhor qualidade de relação do que irmãos de sexos diferentes (Dunn, 1983). De acordo com Smorti e Ponti, (2018) é mais provável que as raparigas sejam mais influenciadas pelos seus irmãos do que os rapazes. Estudos indicam também que é mais provável que as irmãs mais velhas adotem o papel de cuidador e que desempenhem papéis mais positivos em relação aos seus irmãos, em comparação aos rapazes mais velhos (Smorti & Ponti, 2018). De acordo com Buist e Vermande (2004) as raparigas são habitualmente mais encorajadas a evitar conflitos e os rapazes encorajados a serem menos dependentes, o que terá implicações na forma como ambos se relacionam dentro da fratria. As fratrias compostas por raparigas demonstram ser marcadamente mais positivas em vários aspetos emocionais e de suporte, quando comparadas com as fratrias compostas por rapazes (Milevsky, 2005). O autor refere ainda que, no contexto das fratrias, os rapazes são habitualmente mais agressivos com os seus irmãos do que as raparigas. No estudo de Orucu e Er (2017) realizado com uma amostra de 272

adolescentes percebeu-se que o sexo feminino apresentava mais confiança na fratria e mais satisfação com a comunicação fraternal, quando comparados com o sexo masculino.

Por fim, outra variável que parece afetar a qualidade da relação fraternal e o próprio desenvolvimento da criança é a percepção de tratamento diferencial por parte dos pais (Brody, 2004). Recentemente, o tratamento diferencial tem sido identificado como um elemento chave da experiência entre irmãos, que não é partilhado com a família (Meunier et al. 2012). Em virtude de ter irmãos, as crianças poderão receber tratamento diferenciado por parte dos seus pais, ou pelo menos, perceberem que são tratadas de forma de forma distinta. O desenvolvimento desta percepção poderá ter implicações na saúde mental das crianças e adolescentes e encontra-se associado a problemas emocionais e comportamentais (Brody, 2004). O tratamento diferencial indica se a criança percebe o comportamento dos seus pais como sendo diferenciado em relação aos irmãos ou ao próprio. (Katz & Hamama, 2016). Apesar de prevalecer a ideia de que os pais devem tratar os seus filhos de forma igualitária, o tratamento diferencial pode refletir uma forma de educar mais sensível, adequada e ajustada às necessidades de cada filho (Meunier, et al. 2012). Contudo, níveis elevados de tratamento diferencial parecem ser patogénicos (Suitor, Sechrist, Plikuhn, Pardo, Pillemer, 2008). Estudos demonstram consistentemente que o tratamento diferencial parece estar associado a comportamentos de externalização (e.g., agressão) e internalização (e.g., baixa autoestima, depressão, ansiedade) (Meunier et al. 2012; Feinberg & Hetherington, 2001). Meunier et al. (2012) refere que as cognições e pensamentos que as crianças desenvolvem acerca do favoritismo estão relacionadas com consequências mais negativas, independentemente do verdadeiro comportamento dos pais. Ou seja, tal como Howe e Recchia (2014) referem, o tratamento diferencial só tem impacto quando as crianças o percebem como injusto. De igual forma, Volling e Elins (1998) num estudo realizado com 60 famílias, perceberam que as crianças em idade pré-escolar demonstraram mais comportamentos de internalização e externalização quando os seus pais disciplinavam mais do que aos seus irmãos. Garcia et al. (2000) demonstram que a interação entre o conflito fraternal e o processo de rejeição parental dos pais prevê comportamentos agressivos ao longo do tempo.

O estudo de Pinheiro et al. (2017) refere que o sexo masculino tende a perceber maiores diferenças ao nível do tratamento diferencial.

## **Fratratria e violência com os pares**

A violência no contexto escolar tem se tornado num tópico de investigação com interesse crescente por parte dos investigadores, muito em parte devido à projeção mediática que os atos de violência praticados por crianças e adolescentes têm vindo a ter (Espinheira & Jóluskin, 2009). A violência escolar compreende uma variedade de manifestações tais como vandalismo, o comportamento de oposição e delinquente, o défice de competências, os distúrbios de comportamento e o *bullying* (Espinheira & Jóluskin, 2009).

Apesar da agressão entre pares fazer parte do quotidiano do contexto escolar, importa salientar o impacto que estas situações podem ter, sobretudo para crianças que não conseguem lidar com este evento, afetando negativamente o seu desenvolvimento a nível pessoal, escolar e social (Carvalho et al. 2017). A palavra inglesa *bullying* não encontra tradução fidedigna para a língua portuguesa, no entanto, encontram-se algumas aproximações à sua definição como violência, abuso, agressividade ou intimidação (Espinheira & Jóluskin, 2009). O *bullying* caracteriza-se por comportamentos agressivos e de intimidação que ocorrem de forma repetida e continuada, nos quais existe a intenção de magoar o outro e envolve um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima. Deste modo, conclui-se que nem todos os comportamentos agressivos são considerados *bullying*, na medida em que existem critérios a considerar. É no primeiro ciclo do ensino básico (primeiros anos de escolaridade) que o *bullying* apresenta maior incidência e prevalência. Estudos realizados em Portugal sugerem que cerca de 20% dos alunos no 2º ciclo do ensino básico são vítimas de *bullying* (Carvalho et al., 2017). As práticas de agressão mais utilizadas consistem em violência verbal (e.g., insultos, chamar nomes, dizer mal dos outros) e violência física (e.g., causar dano físico ao outro, tirar coisas sem a sua permissão) (Carvalho et al. 2017; Espinheira & Jóluskin, 2009).

Como referido anteriormente, a relação entre irmãos constitui um importante contexto para o desenvolvimento de competências emocionais e para a aprendizagem e treino de competências sociais que podem ser úteis no contexto das relações com os pares. As investigações conduzidas nesta área têm fornecido evidências da influência que a qualidade da relação entre irmãos pode ter nas relações entre pares. A Teoria da Aprendizagem Social de Bandura explica como determinados comportamentos podem ser aprendidos através da modelação e do reforço (Smorti & Ponti, 2018). A partir desta perspectiva, os indivíduos aprendem novos comportamentos e desenvolvem atitudes e

crenças através do reforço, observação e subsequente imitação dos modelos que representam mais poder, afetividade e que lhes são mais similares (Smorti & Ponti, 2018). Assim, os irmãos (particularmente os mais velhos) providenciam aos irmãos mais novos modelos de socialização e um treino constante dessas competências sociais (comunicação, gestão de conflitos, empatia e até mesmo comportamentos agressivos). Como consequência, os padrões relacionais das crianças com os seus irmãos podem ser posteriormente generalizados para outros contextos. Nomeadamente, o conflito e a hostilidade entre irmãos podem ser generalizados para outros contextos (e.g., o contexto escolar) e resultar em comportamentos de violência escolar (Buist et al. 2013; Ostrov, Crick & Stauffacher 2006).

Em primeiro lugar, destacam-se alguns estudos que comparam amostras de crianças com e sem irmãos, relativamente às relações com pares. Alguns autores demonstram que filhos únicos apresentam menos competências sociais nas relações com os pares, em comparação a crianças com irmãos (Baydar, Greek & Brooks-Gunn, 1997; Downey & Condrón, 2004). Outros estudos mostram que as crianças filhas únicas são menos capazes de adotar a perspetiva do outro e tendem a ser menos populares e menos aceites pelos pares (Kitzmann, Cohen & Lockwood, 2002; Perner, Ruffman & Leekman, 1994).

A dimensão do conflito na relação fraternal parece estar relacionada com dificuldades no relacionamento com os pares. De acordo com Dirks, et al. (2015) o estudo pioneiro de Patterson (1982) acerca do conflito entre irmãos apresentou evidências de que os ciclos coercivos entre irmãos servem como “campo de treino” para a agressão, uma vez que as crianças podem modelar e reforçar o comportamento negativo dos irmãos. Um estudo de Buist et al. (2013) realizado com uma amostra de 318 adolescentes com idade média de 13 anos indicou que a dimensão conflito esta associada a níveis elevados de problemas de externalização. Indicou também que problemas de externalização, como a agressão, são mais influenciados pela dimensão conflito do que pelo afeto. Ostrov, et al. (2006), indicam que níveis elevados de agressão entre irmãos estão relacionados com níveis elevados de agressão física na escola com os colegas.

Por outro lado, relações pautadas pelo afeto e carinho têm sido associadas ao desenvolvimento de competências e comportamentos sociais tais como regulação e compreensão emocional mais eficientes (Howe et al. 2001), capacidade para se colocar no lugar do outro (Maynard, 2002) e sensibilidade às emoções e crenças do outro (Dunn,

1988). A afetividade e suporte entre irmãos parecem estar relacionados com a aceitação dos pares e a competência social (Bank, Burraston & Snyder, 2004).

Em suma, e tendo em conta os estudos apresentados anteriormente, uma relação fraternal capaz de providenciar suporte, companheirismo, afeto e qualidades positivas pode potenciar o desenvolvimento de competências sociais e de relações positivas entre pares. Por outro lado, parece ser também evidente que relações fraternas pautadas pelo conflito e hostilidade potenciarão relações entre pares menos saudáveis e, possivelmente, marcadas por comportamentos agressivos. Os resultados apresentados anteriormente revelam a importância de uma abordagem multicontextual que tenha em consideração a escola e os vários contextos nos quais a criança se insere (influências familiares) na compreensão do desenvolvimento da violência entre pares.

### **O presente estudo**

Pretende-se com a presente investigação analisar a importância da qualidade da relação fraternal e da perceção de tratamento diferencial para a prática de comportamentos agressivos em relação aos pares, em crianças do primeiro ciclo. Este estudo é motivado pelo facto de a literatura se debruçar, sobretudo, em amostras de pré-adolescentes e adolescentes (Derkman, et al. 2011). Tendo em conta as mudanças que ocorrem durante a adolescência, os resultados e padrões encontrados nas amostras de adolescentes podem diferir de outras fases do desenvolvimento, pelo que se torna relevante explorar este tópico em crianças mais novas. De acordo com Lopes et al. (2017) a prática de violência entre irmãos é mais comum em crianças até aos 9 anos. Tal pode ser explicado pelo facto de ser nestas idades que os irmãos passam a maior parte do seu tempo juntos. Do mesmo modo, é precisamente nesta faixa etária (entre os 7 e os 10 anos) que se iniciam as interações com os pares de modo mais estruturado, coincidente com a entrada para o primeiro ciclo. Posto isto, estas evidências favorecem a necessidade de investigar o tema com esta amostra em específico.

Foi ainda possível observar, ao longo da revisão de literatura, que os estudos existentes, em Portugal, no âmbito da qualidade das relações entre irmãos focam, na sua maioria, a variável violência e conflito (e.g., Carvalho et al., 2018; Lopes et al., 2017; Relva et al. 2012; Relva et al., 2014). Como tal, esta investigação pretende explorar igualmente as dimensões positivas associadas à qualidade da relação entre irmãos, tais como a afetividade.

Para a compreensão do fenómeno das agressões entre pares, deverá ter-se em consideração os vários contextos no qual o indivíduo está inserido (e.g., contexto familiar). Assim, procura-se igualmente com esta investigação compreender de que forma um dos subsistemas familiares com grande impacto no desenvolvimento da criança- subsistema fraternal- influencia a prática de comportamentos agressivos no contexto escolar.

Posto isto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre a qualidade da relação fraternal, a perceção de tratamento diferencial parental e o exercício da violência entre pares. Os objetivos específicos deste estudo são:

**Objetivo 1-** Analisar a importância da ordem de nascimento, do sexo e da perceção de tratamento diferencial para as variáveis hostilidade e afetividade.

**Objetivo 2-** Analisar a relação entre afetividade e hostilidade e o exercício de violência entre pares.

**Objetivo 3 -** Analisar de que forma a perceção de tratamento diferencial dos pais pode estar relacionada com a prática de violência na escola.

**Objetivo 4 -** Analisar a importância de ser-se filho único ou ter-se irmãos para a prática de violência entre pares.

**Estudo empírico**

---

## Método

### Participantes

Este estudo é constituído por uma amostra de 153 participantes, com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos ( $M=8.26$ ,  $DP=.801$ ), 51% do sexo feminino ( $n=78$ ) e 49% do sexo masculino ( $n=75$ ). Relativamente à escolaridade, 25.5% dos participantes frequenta o 2º ano de escolaridade ( $n=39$ ), 39.2% frequentam o 3º ano ( $n=60$ ) e 35.3% frequentam o 4º ano ( $n=54$ ), de 3 escolas públicas da RAM. A maioria dos participantes vive com ambos os pais ( $n=104$ , 68%), 7.9% coabita com apenas um dos progenitores e 24.2% habita com os pais e com outros familiares (e.g., avós, tios, primos).

Na sua maioria, os participantes têm irmãos ( $n=104$ , 68%), sendo que 74.1% tem apenas um irmão ( $n=72$ ), 15% tem dois irmãos ( $n=23$ ), e 5.9% tem três irmãos ou mais. Ao nível da posição que ocupam na fratria, 29.4% ocupa a primeira posição (isto é, foi o primeiro filho a nascer), 22.9% ocupa a segunda posição, 10.5% ocupa a terceira posição, 2.6% ocupa a quarta posição e 0.7% ocupa a quinta posição. Relativamente à percepção de tratamento diferencial por parte dos pais, 56% das crianças percebe tratamento diferencial ( $n=59$ ) e 44% não o percebe ( $n=46$ ).

### Instrumentos

Recorreu-se aos seguintes instrumentos para a recolha de dados: *Sibling Relationship Questionnaire* (versão original de Stocker & McHale, 1992; versão traduzida e adaptada para a população portuguesa por Portugal & Prioste, 2017), o *Sibling Relationship Questionnaire* (versão original de Furman & Buhrmester, 1985; versão traduzida e adaptada para a população portuguesa por Mota, Fernandes e Serra, 2011) e o Questionário sobre o *bullying* na escola (versão para 1º ciclo) (Carvalho et al., 2017).

O *Sibling Relationship Inventory* (SRI) foi desenvolvido originalmente por Stocker & McHale em 1992. Foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Portugal e Prioste em 2017. É uma medida de autorrelato composta por 13 itens que se distribuem por duas dimensões: afetividade (8 itens) e hostilidade fraternal (5 itens). Originalmente (Stocker & McHale, 1992) o instrumento era constituído por três dimensões: afetividade, hostilidade e rivalidade; porém, estudos posteriores revelaram que as dimensões hostilidade e rivalidade apresentavam correlações muito elevadas e, por

esse motivo, os autores decidiram fundir esses dois fatores<sup>1</sup>. Um exemplo de item da dimensão afetividade é “Com que frequência faz coisas boas como ajudar ou fazer favores ao seu irmão/à sua irmã?” e um exemplo de item da dimensão hostilidade é “Com que frequência se sente irritado ou zangado com o seu irmão/a sua irmã?”. Os itens do instrumento são respondidos numa escala de *likert* que varia entre 1 (nunca) e 5 (sempre). No estudo de validação do instrumento, realizado com crianças com idades mínimas de 6 anos, o alpha de cronbach obtido para a escalada afetividade foi .82 e para a escala hostilidade foi .74. A análise de componentes principais realizada neste estudo sustentou a estrutura obtida por Portugal e Prioste (2017). Esta análise será detalhada na secção de procedimentos de análise de dados. No presente estudo a dimensão hostilidade apresentou um valor de alfa de .71 e a dimensão afetividade de .76. Os 13 itens do *Sibling Relationship Inventory* foram, de igual forma, submetidos a uma análise componentes principais. Verificou-se a adequação dos dados. O valor de Kaiser-Meyer-Olkin foi de .73, excedendo o valor recomendado de .6 (Kaiser, 1970, 1974) e o teste de esfericidade de Bartlett’s (Bartlett, 1954) atingiu significância estatística ( $p < .05$ ). A análise de componentes principais revelou 4 componentes. No entanto, tendo em conta os estudos anteriores realizados com o instrumento, decidiu-se reter apenas dois componentes e realizou-se uma rotação Varimax. A solução obtida indicou a presença de uma estrutura simples com ambos os componentes demonstrando cargas em apenas um dos componentes, sendo que o item 8 (“Com que frequência partilha segredos com o seu irmão?”) não apresenta carga em nenhuma componente (Tabela 2). A solução obtida de dois componentes explicou um total de 42% da variância, com o Componente 1 a contribuir 24% e o Componente 2, 19%. A interpretação destes dois componentes foi consistente com a investigação anterior realizada com esta escala, sendo que os itens do componente 1 enquadram-se no conceito de afetividade e os itens do componente 2 no conceito de hostilidade fraternal.

---

<sup>1</sup> Esta informação não se encontra publicada, porém, foi partilhada pela autora da escala via e-mail (10 de novembro de 2017, cf. Anexo A).

Tabela 1.

*Análise de componentes principais do Sibling Relationship Inventory (SRI)*

Itens	Componente 1 Afetividade	Componente 2 Hostilidade
Item 1	.760	
Item 2	.731	
Item 3	.663	
Item 4	.654	
Item 5	.649	
Item 6	.636	
Item 7	.395	
Item 8		
Item 9		.794
Item 10		.776
Item 11		.665
Item 12		.609
Item 13		.524

Método de Extração: análise de Componente Principal.

Método de Rotação: Varimax com Normalização de Kaiser.<sup>a</sup>

O *Sibling Relationship Questionnaire* (SRQ) foi elaborado por Furman e Buhrmester em 1985 e traduzido para a população portuguesa por Mota, Fernandes e Serra (2011). Consiste numa medida de autorrelato que avalia a qualidade da relação entre irmãos. A versão original é composta por 48 itens, que avaliam duas dimensões: calor/proximidade e conflito. De acordo com os autores, a dimensão afeto/proximidade consiste em sete qualidades: intimidade, comportamento pro-social, companheirismo, afeto, similaridade, admiração do irmão e admiração pelo irmão). Por sua vez, a dimensão conflito pode ser dividida em três qualidades: antagonismo, competição e brigas. O estudo original de validação do instrumento foi realizado com uma amostra de crianças de 5º e 6º anos de escolaridade. Na presente investigação utilizou-se apenas a escala Rivalidade que corresponde aos seis últimos itens do instrumento, que avaliam a percepção de

diferenciação de tratamento por parte dos pais. Os estudos realizados comprovam que a validade de construto do SRQ é adequada. O estudo inicial de Furman e Buhrmester (1985) reportou um alfa de Cronbach superior a .70 para as escalas, com exceção da escala competição ( $\alpha = .63$ ). Relativamente à escala traduzida, o valor de cronbach foi de .94 para o instrumento (Serra & Mota, 2013). De modo a perceber a adequação desta escala a esta população em específico, foi realizada uma análise de componentes principais. A análise obtida suportou a estrutura original do instrumento. Este procedimento será explicado de forma mais detalhada na secção de procedimentos de análise dos dados. Posto isto, foi realizada uma análise de consistência interna que revelou um valor de consistência interna de .87. Os 6 itens do Sibling Relationship Questionnaire selecionados para este estudo foram submetidos a uma análise de componentes principais. Antes de realizar esta análise, a adequação dos dados foi verificada. O valor de Kaiser-Meyer-Olkin foi de .89, excedendo o valor recomendado de .6 (Kaiser, 1970, 1974), e o teste de esfericidade de Bartlett's (Bartlett, 1954) atingiu significância estatística ( $p < .05$ ). A análise de componentes principais revelou 1 componente que explica 99% da variância (Tabela 1).

Tabela 2.

*Análise de componentes principais do Sibling Relationship Questionnaire (SRQ)*

Itens	Componente 1 Perceção de tratamento diferencial
Item 1	.997
Item 2	.997
Item 3	.997
Item 4	.997
Item 5	.996
Item 6	.996

Método de Extração: análise de Componente Principal.

a. 1 componentes extraídos.

O questionário sobre o *bullying* na escola (versão para 1º ciclo), foi elaborado por Carvalho e colaboradores (2017) e trata-se de um questionário de autorrelato que contém questões de resposta aberta e fechada (resposta sim/não, escala de *likert* ou escolha

múltipla) permitindo, assim, aceder a várias variáveis e informações. Inicia-se com questões sociodemográficas (sexo, idade, ano escolaridade, habilitações e profissões dos pais, entre outras), contemplando também o rendimento académico do aluno e a satisfação com a escola. Por fim, o questionário permite recolher informações relativas a atos violentos ocorridos no contexto escolar, nomeadamente, o ser vítima ou agressor, tipo de agressões sofridas ou praticadas, frequência das agressões, entre outras (Carvalho et al., 2017). Neste estudo, utilizou-se para análise dos dados o item 24 da escala, que permite perceber a frequência de determinados comportamentos violentos em relação aos pares, tais como “Contaste mentiras a respeito de algum colega/ Tiraste objetos a algum colega teu sem a sua autorização”. Considerando que apenas três sujeitos reportaram utilizar o telemóvel ou as redes sociais para insultar ou mentir (item 24g) decidiu-se não contemplar este item na análise.

### **Procedimentos de recolha de dados**

A seleção da amostra foi realizada através do método de amostragem por conveniência, sendo critério de inclusão as crianças que frequentavam os 2º, 3º e 4º ano de escolaridade, independentemente da sua idade, número de retenções, ou institucionalização. Posteriormente, iniciou-se o processo de recolha de dados. Foram contactadas três escolas do 1º ciclo do ensino básico e solicitada autorização institucional para a recolha de dados. Após obtidas as autorizações para a recolha de dados naqueles estabelecimentos por parte dos conselhos diretivos, foi entregue um pedido de autorização aos encarregados de educação de cada criança de modo a obter o seu consentimento e autorização para a participação dos seus filhos no estudo, tendo a recolha de dados sido realizada apenas com as crianças cujos pais permitiram a sua participação no estudo. A aplicação dos instrumentos decorreu de forma individual, ao longo do período letivo, numa sala reservada para o efeito, durante cerca de 30 minutos. Os objetivos gerais do estudo foram explicados, assim como as instruções necessárias ao seu preenchimento, garantindo sempre o anonimato e confidencialidade dos dados. O preenchimento dos questionários foi quase sempre acompanhado pelos investigadores, nomeadamente na leitura dos mesmos, uma vez que algumas crianças ainda não dominavam a leitura.

## Procedimentos de análise dos dados

A análise de dados foi realizada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* – IBM SPSS, versão 25.0. Para todos os procedimentos estatísticos estabeleceu-se um nível de significância de 5% ( $p < .05$ ). Em primeiro lugar foi realizada a análise fatorial para cada uma das escalas. Verificada a adequação da estrutura fatorial das escalas, realizou-se uma análise da consistência interna das mesmas, cujos resultados encontram-se descritos na secção dos instrumentos. Uma vez satisfeitas estas condições, procedeu-se a análise estatística por objetivos.

De forma a dar resposta ao objetivo 1 foi analisada a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os irmãos ao nível da hostilidade e afetividade, tendo em conta determinadas características: ordem de nascimento, sexo e perceção de tratamento diferencial. Para analisar a importância da ordem de nascimento utilizou-se o procedimento estatístico ANOVA *one-way* com testes *post-hoc*, sendo esta uma análise que permite perceber diferenças estatisticamente significativas entre uma variável independente com três ou mais níveis (ordem de nascimento) e uma variável contínua dependente (afetividade/hostilidade). Os grupos foram divididos consoante a posição que ocupavam na fratria (Grupo 1- 1º filho; Grupo 2 - 2º filho; Grupo 3- 3º filho). De modo a comparar os níveis de afetividade e hostilidade entre o sexo feminino e masculino realizou-se um teste de *t-student* de amostras independentes.

De modo a analisar o objetivo 2 utilizou-se o procedimento estatístico paramétrico do coeficiente de correlação de *Pearson* ( $r$ ). Analisou-se individualmente a correlação entre cada item que compõe a escala de *bullying* e a afetividade e hostilidade.

Relativamente ao objetivo 3, utilizou-se a análise estatística não-paramétrica de qui-quadrado, uma vez que foram respeitadas as condições de utilização deste procedimento, nomeadamente a contagem mínima esperada que foi superior a 5.

De modo a dar resposta ao objetivo 4, analisou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ao nível da prática de violência com os pares entre crianças com ou sem irmãos através da análise estatística não-paramétrica de qui-quadrado, sendo que foram respeitadas as condições para a sua utilização.

## Resultados

Objetivo 1: Analisar a importância da ordem de nascimento, do sexo e da percepção de tratamento para as variáveis hostilidade e afetividade.

Verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, nos níveis de afetividade dos três grupos  $F(2, 93) = 3.7, p = .028$ . As comparações *post-hoc* com recurso ao teste *Turkey HSD* indicam que os resultados do Grupo 1 ( $M = 3.77, DP = .800$ ) eram significativamente diferentes dos resultados do Grupo 3 ( $M = 3.21, DP = .755$ ). Estes resultados indicam que os filhos que nascem em 1º lugar tendem a ser mais afetuosos em comparação aos que nascem em terceiro lugar. O efeito da diferença foi de .07, o que representa um efeito médio. Os resultados do Grupo 2 ( $M = 3.41, DP = .825$ ) não diferem significativamente do Grupo 1 e 3. Estes resultados podem ser vistos com mais detalhe na tabela 3. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível da hostilidade, conforme é possível observar na tabela 4.

Tabela 3.

*Análise das diferenças significativas entre as ordens de nascimentos, ao nível da Afetividade*

Ordem Nascimento (I)	Ordem Nascimento (J)	Diferença média (I-J)	Erro Erro	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
					Limite inferior	Limite superior
1	2	.360	.181	.121	-.07	.79
	3	.568*	.234	.044	.01	1.12
2	1	-.360	.181	.121	-.79	.07
	3	.209	.242	.665	-.37	.79
3	1	-.568*	.234	.044	-1.12	-.01
	2	-.209	.242	.665	-.79	.37

\*. A diferença média é significativa no nível de 0.05

Tabela 4.

*Análise das diferenças significativas entre as ordens de nascimentos, ao nível da hostilidade.*

Ordem Nascimento (I)	Ordem Nascimento (J)	Diferença média (I-J)	Erro Erro	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
					Limite inferior	Limite superior
1	2	.063	.177	.932	-.36	.48
	3	.119	.228	.861	-.42	.66
2	1	-.063	.177	.932	-.48	.36
	3	.056	.237	.970	-.51	.62
3	1	-.119	.228	.861	-.66	.42
	2	-.056	.237	.970	-.62	.51

No que diz respeito à importância do sexo para a afetividade e hostilidade, constatou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo feminino ( $M=2.08$ ,  $DP=.685$ ) e o sexo masculino ( $M=2.17$ ,  $DP=.623$ ),  $t(151) = -.761$ ,  $p=.45$ , ao nível da hostilidade. Ao nível da afetividade existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo feminino ( $M=3.64$ ,  $DP=.640$ ) e o sexo masculino ( $M=3.43$ ,  $DP=.696$ ),  $t(151) = 1.978$ ,  $p=.05$ , ainda que se encontrem no limiar da não significância. Estes resultados podem ser observados na tabela 5.

Tabela 5.

*Análise das diferenças entre o sexo feminino e masculino em relação à hostilidade e afetividade*

	Feminino ( <i>M</i> )	Masculino ( <i>M</i> )	<i>t</i>	<i>p</i>
Hostilidade	2.08	2.17	151	.448
Afetividade	3.64	3.43	151	.05

Relativamente à percepção do tratamento diferencial, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em relação à hostilidade e à afetividade. No entanto, verifica-se que os irmãos que percebem tratamento diferencial tendem a ter uma média mais elevada ao nível da hostilidade ( $M= 2.26, DP= .785$ ) do que aqueles que não percebem tratamento diferencial ( $M= 1.96, DP= .784$ ), apesar de que este resultado não é estatisticamente significativo, ainda que no limiar da significância ( $p= .055$ ).

Objetivo 2: Analisar a relação entre afetividade e hostilidade e o exercício de violência entre pares

No que diz respeito à variável violência, 31.4% dos alunos referem a prática de comportamentos agressivos para com os pares ( $n=48$ ) e 68.6% não considera praticar qualquer ato de violência ( $n=105$ ). Observou-se uma correlação elevada e positiva entre a variável hostilidade e o item 24f “Insultaste ou chamaste nomes feios...” ( $r= .194, n= 103, p<.05$ ). Não foram encontradas correlações significativas entre a variável afetividade e os itens em análise. Estes resultados podem ser vistos com mais detalhe na tabela 6.

Tabela 6.

*Análise da correlação entre as variáveis afetividade e hostilidade e os itens do questionário de bullying.*

	Hostilidade	Afetividade
a) Chamaste nomes feios, insultaste ou troçaste de um colega	.026	-.053
b) Ignoraste e deixaste de fora das brincadeiras e conversas algum colega de propósito. Agrediste, bateste, fechaste algum colega na sala ou outro local na Escola	.136	-.093
c) Contaste mentiras a respeito de algum colega	.175	-.037
d) Tiraste objetos a algum colega teu sem a sua autorização	.173	.105
e) Ameaçaste ou forçaste algum colega a fazer coisas contra a sua vontade	.146	-.023
f) Insultaste ou chamaste nomes a algum colega, por causa de alguma característica física ou deficiência	.194*	.133

\*. A correlação é significativa ao nível 0,05 (2 extremidades).

Objetivo 3: Analisar de que forma a percepção de tratamento diferencial dos pais está relacionada com a prática de violência na escola

Os resultados obtidos nesta análise não foram significativos  $X^2(1, N=104)=.040$ ,  $p= 1.0$ , indicando que a percentagem de crianças que praticam comportamentos agressivos e percecionam tratamento diferencial não é significativamente diferente dos valores de crianças que não percecionam tratamento diferencial.

Objetivo 4: Analisar a importância de ser filho único ou ter irmãos para a prática de violência entre pares

Não foram encontradas diferenças significativas entre crianças com ou sem irmãos, ao nível da prática de comportamentos agressivos  $X^2(1, N=149) = .652, p = .536$ .

### **Discussão**

As relações fraternais apresentam-se como uma das mais importantes, extensas e duradouras relações ao longo do ciclo da vida. São vários os estudos que comprovam a importância da qualidade destas relações para o desenvolvimento saudável e ajustado das crianças. Os estudos realizados no contexto português acerca desta temática focam sobretudo a violência na fratria. Assim, este estudo visa contribuir para a literatura existente sobre a importância das relações fraternais e da perceção do tratamento diferencial na prática de violência com os pares.

O primeiro objetivo deste estudo foi analisar a existência de diferenças significativas entre irmãos, ao nível da afetividade e hostilidade, tendo em conta algumas variáveis sociodemográficas. Em primeiro lugar estudou-se a ordem de nascimento. Os resultados obtidos indicam que existem diferenças estatisticamente significativas, ao nível da afetividade, entre os filhos que nascem em primeiro lugar e os filhos que nascem em terceiro lugar. Assim, os filhos que nascem em primeiro lugar são mais afetuosos, comparativamente aos filhos que nascem em terceiro lugar. Os resultados obtidos são concordantes com a literatura existente. Os irmãos mais velhos tendem a adotar um papel protetor, de líder, referência e de cuidado em relação aos irmãos mais novos. Durante a primeira infância, os irmãos mais velhos podem atuar como fonte de suporte quando, por exemplo, os cuidadores se afastam por algum período de tempo (Feinberg, et al. 2011; Howe & Recchia, 2014). No entanto, os estudos realizados no âmbito desta temática referem maioritariamente a variável de diferença de idades, variável que não foi alvo de análise no presente estudo, ao invés da ordem de nascimento.

De seguida, explorou-se a existência de diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino, ao nível da hostilidade e afetividade. Não foram encontradas diferenças em relação à variável hostilidade. Vários estudos portugueses demonstram que a violência física dentro da relação fraternal é mais comum entre os participantes masculinos, indicando que os rapazes recorrem mais frequentemente à violência física

para resolver os conflitos com os irmãos (Carvalho et al. 2018; Relva et al. 2014). No entanto, os resultados obtidos neste estudo relativamente à variável hostilidade poderão não ter sido significativos uma vez que, de acordo Buist et al. (2013) e Relva, et al. (2014) os efeitos das diferenças de sexo, especialmente para a variável hostilidade, são mais notórios durante ou após a adolescência. Relativamente à afetividade, os resultados obtidos indicam que o sexo feminino é mais afetuoso do que o sexo masculino, no contexto da fratria. A literatura, especialmente a portuguesa, é vaga em relação às diferenças na afetividade entre sexos, uma vez que a maioria dos estudos focam as diferenças em relação à variável conflito ou hostilidade. Assim, é esperado que os rapazes sejam mais agressivos no contexto da relação fraternal (Carvalho et al. 2018; Relva et al. 2012; Relva et al. 2014). Tal poderá ser explicado pelas diferenças dos papéis de género que são estabelecidas e expostas às crianças desde novas, nomeadamente na escolha das suas brincadeiras, na forma de se comportar, na forma de falar, entre outros. É esperado, que as raparigas sejam mais atenciosas, sensíveis e até afetuosas do que os rapazes. Assim, e tendo em conta a perspectiva dos papéis de género, é esperado que as raparigas sejam mais afetuosas e os rapazes mais violentos, até mesmo no contexto da fratria (Relva, et al. 2014). O estudo de Orucu e Er (2017) indica que o sexo feminino apresenta mais confiança na fratria e mais satisfação com a comunicação na fratria. Ora, ao apresentar maior satisfação e confiança na relação, o sexo feminino poderá mais facilmente demonstrar afeto e expressar sentimentos, por sentir que existe abertura na relação para tal, o que poderá justificar os maiores níveis de afetividade do sexo feminino.

Por último, analisou-se a existência de diferenças significativas na hostilidade e afetividade entre crianças que percecionam, ou não, tratamento diferencial. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, nem para a afetividade, nem para a hostilidade. No entanto, apesar destes resultados não serem estatisticamente significativos, a média na hostilidade é mais alta para as crianças que percecionam tratamento diferencial. Os dados obtidos parecem indicar que a perceção de tratamento diferencial poderá estar relacionada com os problemas comportamentais, conforme indicam diversos estudos (Brody, 2004; Feinberg & Hetherington, 2001; Meunier et al. 2012; Sutor, et al. 2008; Volling e Elins, 1998). De acordo com Buist et al. (2013), a associação entre os problemas de externalização e internalização e a variável conflito é mais forte do que a associação encontrada entre os problemas e o tratamento diferencial. Isto pode indicar que o efeito da perceção de tratamento diferencial poderá não ser tão visível, quando comparado com outras. Para além disto, Howe e Recchia (2014) indicam

que a percepção de tratamento diferencial tem influência na relação fraternal apenas se as crianças entenderem as diferenças como injustas. Assim, esta variável teria de ser explorada tendo em conta esta ideia.

No que diz respeito à análise da relação entre afetividade e hostilidade e o exercício de violência entre pares, os resultados obtidos neste estudo indicam que a afetividade não se encontra relacionada com a prática de comportamentos violentos. Estes resultados corroboram as premissas encontradas na literatura, que referem que a afetividade na fratria não está relacionada com problemas de externalização ou de comportamento. Por outro lado, percebeu-se, no presente estudo, que a hostilidade se correlaciona com a prática de comportamentos violentos, nomeadamente num dos itens do questionário. A maioria dos estudos realizados neste âmbito indicam que quanto maior for a afetividade, menores serão os problemas de internalização e externalização reportados (Buist & Vermande, 2014; Kim et al. 2007; Pike, et al. 2005). Por outro lado, quanto maior o conflito, mais problemas de internalização e externalização serão reportados (Buist & Vermande, 2014; Duncan, 1999; Snyder, Bank & Burraston, 2005). A correlação obtida neste estudo entre a hostilidade e a prática de violência pode ser explicada com base na Teoria da vinculação de Bowlby. Esta teoria propõe que a associação entre a afetividade e os problemas de internalização/externalização pode ser explicada pelos processos de regulação emocional. Experiências de vinculação positivas podem promover estratégias positivas para as crianças aprenderem a gerir e regularem as suas emoções, o que, por sua vez, contribui para uma diminuição dos comportamentos agressivos e violentos. Relações precoces positivas tanto com os pais como com os irmãos contribuem para o desenvolvimento de esquemas mentais do próprio e dos outros, o que pode afetar as expectativas da criança de receber afeto dos outros. Por outro lado, uma criança com vínculos relacionais inseguros poderá iniciar novas interações sociais de forma mais apreensiva, desconfiada e até mais agressiva (Buist et al. 2013). Por outro lado, os resultados obtidos neste estudo são expectáveis, se analisados à luz da Teoria da aprendizagem social de Bandura, uma vez que as crianças ao aprenderem comportamentos negativos de hostilidade e conflito na relação com os irmãos poderão generalizar estes comportamentos às restantes interações, em diferentes contextos. Em suma, relações positivas entre irmãos, caracterizadas pelo suporte, proximidade intimidade e companheirismo, podem oferecer oportunidades de observar determinados comportamentos numa relação mais próxima e influenciar positivamente as relações entre pares. A maioria dos estudos indicam que as relações conflituosas entre irmãos estão

relacionadas com as relações igualmente conflituosas com os pares (Buist et al. 2013; Ostrov, Crick & Stauffacher 2006; Smorti & Ponti, 2018). No entanto, os resultados obtidos em alguns estudos são muito variados indicando que a interação entre as relações fraternais e as relações com os pares não é linear. Tal indica a possibilidade de que outras variáveis possam afetar e moderar a associação entre as relações fraternais e os comportamentos entre pares. No entanto, importa referir que os resultados obtidos só demonstraram ser estatisticamente significativas para um dos itens do questionário (“Insultaste ou chamaste nomes a algum colega, por causa de alguma característica física ou deficiência”). A literatura indica que em crianças mais novas o tipo de agressão predominante é a agressão física. As agressões indiretas (verbal, relacional) aumentam exponencialmente apenas com o início da fase da adolescência (Bjorkqvist, 1994). Assim, de acordo com Pereira et al. (2004) e Sapouna (2008) as práticas agressivas mais comuns em crianças com idades entre os 10 e os 14 anos são as agressões verbais (e.g., insultos, chamar nomes, dizer mal dos outros). No entanto, e contrariamente ao que é descrito na literatura, a correlação ocorreu com o ato de insultar e chamar nomes aos colegas. Tal poderá ser explicado pelo facto de que, para crianças nesta fase do desenvolvimento, atos de agressão indireta, tais como chamar nomes, pode não ser considerado tão grave ou indesejável como outros atos como o empurrar, bater, ameaçar, entre outros, aos olhos dos adultos no contexto escolar. Por se encontrarem nesta fase de desenvolvimento podem ainda não compreender os conceitos de violência e não considerar todos os atos descritos nos itens como violência. Assim, para estas crianças os comportamentos tais como ameaçar, colocar de parte, contar mentiras, retirar objetos, entre outros, poderão não ser formas tão evidentes de violência como chamar nomes.

No objetivo três pretendia-se perceber de que forma a perceção de tratamento diferencial poderá estar relacionada com a prática de comportamentos violentos. Os resultados obtidos indicam que estas variáveis não se encontram relacionadas de forma significativa. No estudo realizado por Smorti e Ponti (2018) também não foram encontradas associações significativas entre o tratamento diferencial e a qualidade da relação com os pares. No entanto, os resultados obtidos neste estudo podem ser justificados pelo facto de a perceção de tratamento diferencial só tem impacto na manifestação de problemas de internalização e externalização, quando é percecionado como injusto (Howe & Recchia, 2014; Volling & Elins, 1998).

Por fim, no objetivo quatro importava analisar a importância de ter ou não irmãos para a prática de comportamentos violentos. No presente estudo não foram encontradas

diferenças estatisticamente significativas na prática de comportamentos violentos entre crianças com e sem irmãos. Apesar de alguns autores indicarem que os filhos únicos poderão não desenvolver determinadas competências sociais e emocionais quando comparadas com crianças com irmãos, os resultados obtidos neste estudo indicam que não existe uma relação entre ter ou não irmãos e os comportamentos de violência com os pares. Estes resultados, no entanto, são congruentes com os resultados obtidos em alguns estudos nos quais não foram encontradas diferenças significativas (Fussell, Macias & Saylor, 2005; Kitzmann, Cohen & Lockwood, 2002). Os resultados demonstram que o facto de a criança ser filha única não a desprove de oportunidades de interação e não limita os seus mundos sociais. Realça-se aqui a importância que outras figuras, tais como amigos, primos, colegas de brincadeira, podem ter na oferta de oportunidades de socialização das crianças filhas únicas (Smorti & Ponti, 2018). Para além disto, as crianças são cada vez mais cedo introduzidas noutros contextos relacionais nos quais podem desenvolver competências sociais e emocionais semelhantes às que são experienciadas no contexto da fratria.

### **Considerações finais e implicações práticas**

Em suma, os resultados deste estudo apontam para que os conflitos entre irmãos e a perceção de tratamento diferencial poderão estar em alguns aspetos relacionados com a prática de comportamentos agressivos em relação aos pares.

Importa referir que uma das informações mais relevantes que podemos retirar dos resultados obtidos neste estudo é o facto de que a prática de comportamentos agressivos não é elevada nos contextos escolares em estudo. Apesar deste resultado não ser passível de generalização, poderá ser indicativo do esforço coletivo que é realizado pelos estabelecimentos escolares no desenvolvimento e aplicação de programas de aprendizagem e gestão de competências emocionais e sociais, desde os primeiros anos de escolaridade. Trabalha-se cada vez mais nas escolas e desde cada vez mais cedo competências como a resolução de conflitos e a autorregulação emocional. Posto isto, reforça-se aqui a necessidade da constante aposta e formação dos profissionais que trabalham diariamente com as crianças no contexto escolar. Este estudo reforça também a ideia de que os sistemas nos quais a criança se insere se afetam mutuamente e da importância de atuar em rede, junto do meio escolar, mas também junto da família e da própria criança. Posto isto, é relevante que sejam desenvolvidas ações junto dos pais,

profissionais de educação, e das próprias crianças no sentido de sensibilizar para esta temática. De um modo geral, espera-se que este estudo possa fornecer informação e colaborar na melhoria das práticas dos psicólogos e demais profissionais que trabalham diariamente com crianças, ao alertar para a importância de ter uma visão holística da criança ao nível da intervenção. Em suma, os dados obtidos neste estudo e a literatura existente suportam a importância de desenvolver intervenções que foquem as fratrias. Treinar os pais para mediar os conflitos entre os filhos parece ser uma forma de intervenção eficaz que poderá trazer benefícios no desenvolvimento de competências sociocognitivas (Dirks et al. 2015). Aqui, entende-se o papel fundamental que os pais podem ter na gestão destas competências. As estratégias parentais implementadas para gerir os conflitos entre irmãos, particularmente a promoção de estratégias construtivas (e.g., negociação e soluções justas) ao invés de destrutivas, tais como o uso da agressão, são de extrema importância para o desenvolvimento dos padrões relacionais das crianças em diversos contextos. Este estudo demonstrou também a importância de desenvolver mais investigações de modo a que seja possível melhor compreender os processos envolventes e que influenciam as relações fraternais e consequentemente o ajustamento dos sujeitos.

### **Limitações**

Constituindo-se como um contributo para o estudo da qualidade das relações entre irmãos no seu todo, este trabalho apresenta diversas limitações. Uma das limitações encontradas neste estudo prende-se com o facto de a amostra ser constituída na sua maioria por crianças que ainda não dominavam as competências de leitura. Tal implicou que as respostas fossem lidas em voz alta pelos investigadores a algumas crianças que não tinham ainda o domínio das competências de leitura e respondidas igualmente em voz alta pelas crianças. Este aspeto pode ter condicionado as respostas das crianças por dois motivos: em primeiro lugar pela desejabilidade social, pois estavam a responder a questões de violência a um adulto, em contexto escolar, podendo ter sido condicionadas pelo medo de punição ou castigos tendo em conta as respostas dadas; e em segundo lugar, não garantia a compreensão adequada dos itens. Para além disto, alguns dos itens deste questionário poderiam não ser facilmente interpretados e/ou adequados a esta faixa etária, nomeadamente o item “Usaste o telemóvel ou as redes sociais para insultar ou dizer

mentiras sobre algum colega”, uma vez que a maioria das crianças que participaram referiram que não usavam telemóvel ou redes sociais. Isto pode implicar que a estimativa de *bullies* poderá ser superior àquela que verificamos neste estudo, uma vez que não sabemos verdadeiramente se, controladas estas variáveis, as respostas se alterariam e quantos realmente se considerariam agressores. Posto isto, a fraca correlação dos itens do questionário de *bullying* no geral poderá estar relacionada com o fenómeno da desejabilidade social. Quando pensamos esta questão tendo em conta este conceito é possível perceber que as respostas destas crianças possam não ser tão próximas da sua realidade, pois podiam querer corresponder àquilo que consideravam ser mais aceitável para o investigador. A desejabilidade social, que consiste num tipo de enviesamento de respostas, poderá ser definida como a tendência dos participantes para atribuírem a si próprios comportamentos socialmente aceites e desejáveis e para negarem comportamentos socialmente indesejáveis quando respondem a determinadas questões. Assim, de modo a obterem a aprovação social, os indivíduos tendem a responder consoante as atitudes e comportamentos que consideram mais aceitáveis e desejáveis socialmente (Almiro, 2017). Este fenómeno poderá ter sido exacerbado pelo facto de a recolha dos dados ter sido realizada em contexto escolar, nas salas de aula e, aquando da recolha dos dados, os investigadores estarem presentes na aplicação e terem colaborado na leitura dos questionários das crianças com dificuldades na leitura. A estruturação das questões que avaliavam a prática de comportamentos agressivos, no questionário de *bullying*, não permitem clarificar e uniformizar a forma como as perguntas eram entendidas pelas crianças. As perguntas eram respondidas tendo em conta uma escala de *likert* que variava entre “Quase todos os dias” e “Nunca”. No entanto, a criança quando respondia, por exemplo, que praticou agressões verbais duas ou três vezes não era possível clarificar o espaço de tempo a que se referia (e.g., durante uma semana, durante um mês, durante o ano letivo).

### **Estudos futuros**

A realização desta investigação e as limitações encontradas ao longo da sua realização permitiram desenvolver algumas ideias de estudos futuros. No presente estudo foram utilizadas apenas medidas de autorrelato. Apesar de que estas medidas representam uma importante fonte de informação, seria importante em estudos futuros a utilização de

outros métodos tais como medidas de observação e de hétero-relato (professores, pais, entre outros), para uma melhor compreensão dos resultados. Seria também importante, em estudos futuros, estudar o efeito moderador de outras variáveis na associação entre as relações fraternais e as relações com os pares, tais como a inserção noutros contextos ou grupos relacionais (atividades, hobbies, familiares). Esta investigação permitiu perceber a importância de considerar em estudos futuros o papel da diferença de idades entre os irmãos, pois a literatura indica que os irmãos mais velhos não beneficiam da mesma forma da relação como os irmãos mais novos (Buhrmester, 1992; Dunn & Kendrick, 1982; Grusec & Hastings, 2006; Recchia, Rajput & Peccia, 2015). Consideramos importante perceber de que forma a diferença de idades entre irmãos pode influenciar e explicar os resultados obtidos. Nesta investigação não foi possível estudar o papel da constituição da idade (e.g., F/M; F/F; M/M) para a prática de comportamentos violentos com os pares, sendo que seria importante realizá-lo em estudos futuros. Assim como, perceber o papel do sexo como variável moderadora da associação entre a qualidade da relação e a ordem de nascimento. Por fim, em Portugal, são poucos os estudos que focam ambas as dimensões da fratria, pois, tal como referido anteriormente debruçam-se essencialmente sob a variável conflito. Assim, revela-se de extrema relevância o desenvolvimento de estudos portugueses que englobem ambas as variáveis que definem a fratria.

## Referências

- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3) <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Bank, L., Burraston, B., & Snyder, J. (2004). Sibling conflict and ineffective parenting as predictors of adolescent boys' antisocial behavior and peer difficulties: Additive and interactional effects. *Journal of research on adolescence*, 14 (1), 991-125. doi:10.1111/j.1532-7795.2004.01401005.x
- Baydar, N., Greek, A., & Brooks-Gunn, J. (1997). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during the first 6 years of life. *Journal of Marriage and the Family*, 939-956. doi:10.2307/353794
- Bjorkqvist, K. (1994). Sex differences in physical, verbal, and indirect aggression: A review of recent research. *Sex roles*, 30(3-4), 177-188. doi: 10.1007/bf01420988
- Brody, G. H. (2004). Siblings direct and indirect contributions to child development. *Current Directions in Psychological Science*, 13(3), 124-126. doi:10.1111/j.0963-7214.2004.00289.x
- Buhrmester, D. (1992). The developmental courses of sibling and peer relationships. In Boer, F., & Dunn, J. (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 19-40). Retirado de [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=lang\\_es%7Clang\\_en%7Clang\\_pt&id=N3mGNZc1ArQC&oi=fnd&pg=PA19&dq=Children%27s+Sibling+Relationships+buhrmester+1992&ots=8Tu0ceOios&sig=m1Cc2gQkStbWnAbJqynxegJchk4&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=lang_es%7Clang_en%7Clang_pt&id=N3mGNZc1ArQC&oi=fnd&pg=PA19&dq=Children%27s+Sibling+Relationships+buhrmester+1992&ots=8Tu0ceOios&sig=m1Cc2gQkStbWnAbJqynxegJchk4&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1990). Perceptions of sibling relationships during middle childhood and adolescence. *Child development*, 61(5), 1387-1398. doi:10.1111/j.1467-8624.1990.tb02869.x
- Buist, K. L., Deković, M., & Prinzie, P. (2013). Sibling relationship quality and psychopathology of children and adolescents: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 33(1), 97–106. doi:10.1016/j.cpr.2012.10.007

- Buist, K. L., & Vermande, M. (2014). Sibling relationship patterns and their associations with child competence and problem behavior. *Journal of Family Psychology, 28*(4), 529-537. doi:10.1037/a0036990
- Campione-Barr, N., & Smetana, J. G. (2010). "Who said you could wear my sweater?" Adolescent siblings' conflicts and associations with relationship quality. *Child Development, 81*(2), 464-471. doi:10.1111/j.1467-8624.2009.01407.x
- Carvalho, A. C., Cussecala, A., Martins, C., Cardoso, C., Lopes, D., Gato, F., Mimoso, H., Costa, M. J., Ferreira, M. (2017). Bullying ou conflito entre pares? Incidências, características das vítimas e impacto psicológico. *Revista de Estudios e Investigación En Psicología y Educación, (02)*, 069. doi:10.17979/reipe.2017.0.02.2693
- Carvalho, J. L., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise Psicológica, 36*(1), 61–73. doi:10.14417/ap.1354
- Derkman, M. M., Engels, R. C., Kuntsche, E., van der Vorst, H., & Scholte, R. H. (2011). Bidirectional associations between sibling relationships and parental support during adolescence. *Journal of youth and adolescence, 40*(4), 490-501. doi:10.1007/s10964-010-9576-8
- Dirks, M. A., Persram, R., Recchia, H. E., & Howe, N. (2015). Sibling relationships as sources of risk and resilience in the development and maintenance of internalizing and externalizing problems during childhood and adolescence. *Clinical Psychology Review, 42*, 145–155. doi:10.1016/j.cpr.2015.07.003
- Downey, D. B., & Condrón, D. J. (2004). Playing well with others in kindergarten: The benefit of siblings at home. *Journal of Marriage and Family, 66*(2), 333-350. doi:10.1111/j.1741-3737.2004.00024.x
- Duncan, R. D. (1999). Peer and sibling aggression: An investigation of intra-and extra-familial bullying. *Journal of Interpersonal Violence, 14*(8), 871-886. doi:10.1177/088626099014008005
- Dunn, J. (1983). Sibling relationships in early childhood. *Child development, 54*(4), 787–811. doi:10.1111/j.1467-8624.1983.tb00503.x

- Dunn, J. (1988). Sibling influences on childhood development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 29(2), 119-127. doi:10.1111/j.1469-7610.1988.tb00697.x
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1982). The speech of two-and three-year-olds to infant siblings: 'baby talk' and the context of communication. *Journal of Child Language*, 9(3), 579-595. doi:10.1017/s030500090000492x
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(1), 183-208. doi:10.1177/0886260508316298
- Espinheira, F., & Jóluskin, G. (2009). Violência e bullying na escola: um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 106-115. Retirado de [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1319/1/106-115\\_%20FCHS06-14.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1319/1/106-115_%20FCHS06-14.pdf)
- Feinberg, M., & Hetherington, E. M. (2001). Differential parenting as a within-family variable. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 22-37. doi:10.1037/0893-3200.15.1.22
- Feinberg, M. E., Solmeyer, A. R., & McHale, S. M. (2011). The third rail of family systems: Sibling relationships, mental and behavioral health, and preventive intervention in childhood and adolescence. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15(1), 43-57. doi:10.1007/s10567-011-0104-5
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental psychology*, 21(6), 1016-1024. doi:10.1037/0012-1649.21.6.1016
- Fussell, J. J., Macias, M. M., & Saylor, C. F. (2005) Social skills and behavior problems in children with disabilities with and without siblings. *Child Psychiatry & Human Development*, 36, 227-241. doi:10.1007/s10578-005-4185-6
- Garcia, M. M., Shaw, D. S., Winslow, E. B., & Yaggi, K. E. (2000). Destructive sibling conflict and the development of conduct problems in young boys. *Developmental Psychology*, 36(1), 44-53. doi:10.1037/0012-1649.36.1.44

- Goldenberg, H., & Goldenberg, I. (2013). *Family therapy: An overview*. Canada, EUA: Brooks/Cole, Cengage learning.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771–788. doi:10.1590/s0103-65642011005000031
- Grusec, J. E., & Hastings, P. D. (Eds.). (2006). *Handbook of socialization: Theory and research*. Retirado de [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=vTRFBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=\)+Handbook+of+social+ization:+Theory+and++research.&ots=XUcSDcuM2T&sig=O0mMs5C-UraOGnvCdwXBoF0jpTA&redir\\_esc=y#v=onepage&q=\).%20Handbook%20of%20socialization%3A%20Theory%20and%20%20research.&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=vTRFBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=)+Handbook+of+social+ization:+Theory+and++research.&ots=XUcSDcuM2T&sig=O0mMs5C-UraOGnvCdwXBoF0jpTA&redir_esc=y#v=onepage&q=).%20Handbook%20of%20socialization%3A%20Theory%20and%20%20research.&f=false)
- Hardy, M., Beers, B., Burgess, C., & Taylor, A. (2010). Personal experience and perceived acceptability of sibling aggression. *Journal of Family Violence*, 25(1), 65-71. doi:10.1007/s10896-009-9270-3
- Howe, N., Aquan-Assee, J., Bukowski, W. M., Lehoux, P. M., & Rinaldi, C. M. (2001). Siblings as confidants: Emotional understanding, relationship warmth, and sibling self-disclosure. *Social Development*, 10(4), 439-454. doi:10.1111/1467-9507.00174
- Katz, C., & Hamama, L. (2016). The sibling relationship in the context of child maltreatment: what do we know? What are the directions for the future? *Trauma, Violence, & Abuse*, 19(3), 343–351. doi:10.1177/1524838016659878
- Khan, R., & Cooke, D. J. (2008). Risk factors for severe inter-sibling violence: A preliminary study of a youth forensic sample. *Journal of interpersonal violence*, 23(11), 1513-1530. doi:10.1177/0886260508314312
- Kim, J. Y., McHale, S. M., Crouter, A. C., & Osgood, D. W. (2007). Longitudinal linkages between sibling relationships and adjustment from middle childhood through adolescence. *Developmental psychology*, 43(4), 960-973. doi:10.1037/0012-1649.43.4.960
- Kitzmann, K. M., Cohen, R., & Lockwood, R. L. (2002). Are only children missing

- out? Comparison of the peer-related social competence of only children and siblings. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19(3), 299-316. doi:10.1177/0265407502193001
- Lopes, P. P., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). A violência como tática de resolução de conflitos entre irmãos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (113), 149–172. doi:10.4000/rccs.6696
- Maynard, A. E. (2002). Cultural teaching: The development of teaching skills in Maya sibling interactions. *Child development*, 73(3), 969-982. doi:10.1111/1467-8624.00450
- Meunier, J. C., Roskam, I., Stievenart, M., De Moorlele, G. V., Browne, D. T., & Wade, M. (2012). Parental differential treatment, child's externalizing behavior and sibling relationships: bridging links with child's perception of favoritism and personality, and parents' self-efficacy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 29(5), 612–638. doi:10.1177/0265407512443419
- Minnett, A. M., Vandell, D. L., & Santrock, J. W. (1983). The effects of sibling status on sibling interaction: Influence of birth order, age spacing, sex of child, and sex of sibling. *Child Development*, 54(4), 1064–1072. doi:10.1111/j.1467-8624.1983.tb00527.x
- Mota, C., Fernandes, O., & Serra, L. (2011). Sibling Relationship Questionnaire (Manuscrito não publicado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real
- Örücü, M. Ç., & Er, S. (2017). Communication satisfaction and trust among Turkish adolescent siblings. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 45(1), 143–153. doi:10.2224/sbp.5664
- Ostrov, J. M., Crick, N. R., & Stauffacher, K. (2006). Relational aggression in sibling and peer relationships during early childhood. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 27(3), 241–253. doi:10.1016/j.appdev.2006.02.005
- Pereira, B., Mendonca, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. K. (2004). Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25(2), 241-254.
- Perner, J., Ruffman, T., & Leekam, S. R. (1994). Theory of mind is contagious: You

- catch it from your sibs. *Child development*, 65(4), 1228-1238. doi:10.2307/1131316
- Pike, A., Coldwell, J., & Dunn, J. F. (2005). Sibling relationships in early/middle childhood: links with individual adjustment. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 523–532. doi:10.1037/0893-3200.19.4.523
- Recchia, H. E., Rajput, A., & Peccia, S. (2015). Children's interpretations of ambiguous provocation from their siblings: Comparisons with peers and links to relationship quality. *Social Development*, 24(4), 782-797. doi: 10.1111/sode.12119
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 46(3), 375-384. Retirado de <https://www.redalyc.org/pdf/284/28425871006.pdf>
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A. Q. (2014). Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 398–408. doi:10.1590/1678-7153.201427221
- Rothman, E. F., Johnson, R. M., Azrael, D., Hall, D. M., & Weinberg, J. (2010). Perpetration of physical assault against dating partners, peers, and siblings among a locally representative sample of high school students in Boston, Massachusetts. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 164(12), 1118-1124. doi:10.1001/archpediatrics.2010.229
- Sapouna, M. (2008). Bullying in Greek Primary and Secondary Schools. *School Psychology International*, 29(2), 199–213. doi:10.1177/0143034308090060
- Serra, L., & Mota, C. (2013). *Qualidade da relação entre irmãos e outras figuras significativas em adolescentes institucionalizados: desenvolvimento de psicopatologia e comportamentos desviantes*. (Tese de Mestrado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Smorti, M., & Ponti, L. (2018). How does sibling relationship affect children's prosocial behaviors and best friend relationship quality? *Journal of Family Issues*, 39(8), 2413–2436. doi:10.1177/0192513x18755195
- Snyder, J., Bank, L., & Burraston, B. (2005). The consequences of antisocial behavior

in older male siblings for younger brothers and sisters. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 643–653. doi:10.1037/0893-3200.19.4.643

Stocker, C. M., Burwell, R. A., & Briggs, M. L. (2002). Sibling conflict in middle childhood predicts children's adjustment in early adolescence. *Journal of Family Psychology, 16*(1), 50-57. doi: 10.1037//0893-3200.16.1.50

Suitor, J. J., Sechrist, J., Plikuhn, M., Pardo, S. T., & Pillemer, K. (2008). Within-family differences in parent–child relations across the life course. *Current Directions in Psychological Science, 17*(5), 334–338. doi:10.1111/j.1467-8721.2008.00601.x

Volling, B. L., & Elins, J. L. (1998). Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings. *Child Development, 69*(6), 1640-1656. doi: 10.1111/j.1467-8624.1998.tb06182.x

## **Anexos**

## Anexo A

De: **SUSAN MARIE MC HALE** <x2u@psu.edu>  
 Assunto: Re: Sibling Relationship Inventory - Permission to use  
 Data: 10 de novembro de 2017, 04:03  
 Para: Alda Portugal <aaldaportugal@gmail.com>



So sorry for the confusion, Alda. We dropped the rivalry scale because it was so highly correlated with hostility and in factor analyses, the rivalry scale did not come out. The scale I sent you is the most recent version.  
 Does this make sense?  
 Susan

Susan M. McHale  
 Director, Social Science Research Institute  
 Distinguished Professor of Human Development and Professor of Demography  
 SSRI website: [www.ssri.psu.edu](http://www.ssri.psu.edu)  
 HDFS website: [www.hhdev.psu.edu/hdfs](http://www.hhdev.psu.edu/hdfs)

----- Original Message -----

From: "Alda Portugal" <aaldaportugal@gmail.com>  
 To: "SUSAN MARIE MC HALE" <x2u@psu.edu>  
 Sent: Thursday, November 9, 2017 10:10:17 AM  
 Subject: Re: Sibling Relationship Inventory - Permission to use

Dear Susan,

Hope you are fine.

I'm writing you because we have already translate SRQ to Portuguese, however we have a doubt: in your article entitled "The nature and family correlates of preadolescents perceptions of their sibling relationship" (1992) written with Clare Stoken, you state that SRQ have three dimensions, namely, affection (6 items), hostility (5 items) and rivalry (4 items). However, in the document you sent me, the questionnaire has only 13 items and two dimensions (affection and hostility). Can you explain me why? Is that a more recent version of the questionnaire?

Best regards,  
 Alda Portugal

No dia 14/08/2017, às 03:35, SUSAN MARIE MC HALE <x2u@psu.edu> escreveu:

Whoops—I mean translated into Portuguese.  
 Susan

Susan M. McHale  
 Director, Social Science Research Institute  
 Distinguished Professor of Human Development and Professor of Demography  
 SSRI website: [www.ssri.psu.edu](http://www.ssri.psu.edu)  
 HDFS website: [www.hhdev.psu.edu/hdfs](http://www.hhdev.psu.edu/hdfs)

----- Original Message -----

From: "Alda Portugal" <aaldaportugal@gmail.com>  
 To: mchale@psu.edu  
 Cc: "ana prioste" <anaprioste@gmail.com>  
 Sent: Friday, August 11, 2017 10:08:32 AM  
 Subject: Sibling Relationship Inventory - Permission to use

Dear Professor Susan McHale,

My name is Alda Portugal and I am an Assistant Professor in Universidade da Madeira (Portugal). I am writing you because I am currently working with a colleague from Universidade Luslada (Portugal), Professor Ana de Nazaré Prioste, on subjects related to the relationship between siblings in adulthood.

We came across with the measure you developed with Professor Stocker, the "Sibling Relationship Inventory" and, if you allow us to, we are thoroughly excited to use this measure in our research project. In such case, we wonder if you could send us the "Sibling Relationship Inventory" original version, since we weren't able to find it.

We will make a strong effort to maintain the fidelity of the scale in its translation. Thus, we will send you a copy of the final Portuguese version. We can also ensure you that we will refer your papers in our research project and eventual papers or other kind of publications. Finally, it will be our pleasure to share with you the collected data and final results.

Looking forward to hear from you soon. Thank you for your time.

Best regards,  
 Alda Portugal